

Expedição mostra extremo norte do País

O objetivo da expedição foi chegar ao ponto inicial do território brasileiro, conhecido como monte Caburá, em Roraima, e despolarizar o Oiapoque, no Amapá

Vandre Fonseca
Especial para AC

CABURÁ (RR) – Para pôr fim a um engano, que ficou popularizado, de que o ponto mais ao Norte do Brasil é o Oiapoque (AP), uma expedição chegou à nascente do rio Uailã, no monte Caburá, que fica 84 quilômetros mais ao Norte do que o Oiapoque.

O extremo Norte do Brasil, na nascente do rio Uailã, no monte Caburá, é uma montanha com pouco mais de 1.400 metros de altitude, coberta por uma mata fechada, com marcante presença de palmeiras e plantas epífitas (que têm as raízes em troncos e copas de árvores).

A rocha que forma a montanha fica a poucos metros de profundidade, o que determina um solo pobre, incapaz de sustentar por muito tempo as árvores atingem mais de 25 metros de altura. O calor da proximidade com o Equador é amenizado pela altitude do lugar.

Apesar de a maioria das pessoas pensarem que o ponto mais setentrional do Brasil é o Oiapoque, atestada nos documentos oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a verdade é que o monte Caburá está no extremo. "O IBGE não tem culpa do equívoco", assegura o delegado do Instituto em Roraima, Vicente de Paulo Joaquim.

O Brasil começa mais precisamente, no local onde as águas das chuvas tocam o chão e se dividem entre Brasil, onde formam o Uailã, e Guiana, onde forma o rio Caburá, na latitude 5016i20 Norte, 84 quilômetros mais ao Norte do que o Oiapoque.

Este ponto é identificado pelo marco BBG-11 A, colocado pelo marechal Cândido Rondon, em 1930, e desde então nunca mais havia sido tocado por ninguém. Ninguém até a expedição organizada pela prefeitura de Uiramutã, município onde se localiza o Caburá, com apoio do 7º Batalhão de Infantaria e Selva do Exército e da Força Aérea, entre os dias 3 e 6 de setembro, às vésperas do Dia da Pátria.

Além dos militares, que garantiram o sucesso da missão, chegaram à nascente do Uailã uma dezena de pesquisadores, que coletaram plantas, animais e mostras do solo, para construírem um retrato deste pedaço de Brasil que está acima do Oiapoque.

A única frustração da viagem foi a impossibilidade de encontrar o marco deixado por Rondon. O obelisco, com menos de um metro de altura foi, provavelmente, encoberto pela vegetação e troncos de árvores caídos no topo da montanha. De qualquer forma, isso não impediu que no dia 6, um domingo, sob ameaça de chuvas, fosse hasteada a bandeira do Brasil em um clareira próxima à nascente do Uailã e celebrada uma missa para marcar a chegada ao extremo Norte do País.

Prefeitura vai explorar o ecoturismo

CABURÁ(RR) – O Caburá faz parte do Parque Nacional Monte Roraima, com 116 mil hectares, administrado pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) que pretende instalar um posto de monitoria a poucos quilômetros dali, na Serra do Sol. O parque está sobreposto a área indígena Raposa Serra do Sol, que deve ser demarcada ainda este ano. "A idéia é abrir o parque para visitas, mas manter o Caburá como área de preservação permanente", segundo o diretor de Preservação do



Alguns membros da expedição no extremo norte do País, onde começa o País que não é do Oiapoque ao Chui e sim do Caburá ao Chui, ao sul

Região explorada é um paraíso de orquídeas raras

CABURÁ (RR) – O clima da região favorece o crescimento de plantas epífitas, entre elas as orquídeas. A explanação é do engenheiro agrônomo Francisco Joaci de Freitas Luz, da Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (Embrapa), que nas horas vagas desenvolve um trabalho com orquídeas. "Aqui ali é uma loucura", exclama Joaci quando se dá conta que havia coletado uma centena de espécies diferentes de orquídeas. A maioria delas, provavelmente, nunca antes encontrada no Brasil.

Uma chamou a atenção, uma orquídea terrestre, do gênero epidendrum, com quase três metros de altura. A maioria das espécies coletadas por Joaci crescem em troncos ou copas das árvores, apenas 14 eram terrestres. Metade da coleta é formado por micro e pequenas orquídeas, que não passam de alguns centímetros e podem medir apenas alguns milímetros de comprimento.

Isso significa que nessas regiões sobraram espécies muito antigas, que sobreviveram a mudanças climáticas e de terrenos. É provável que as espé-

cies coletadas no Caburá sejam semelhantes as encontradas no Roraima, cuja beleza natural é muito maior do que o primo mais ao norte, na Gran Sabana venezuelana e em montanhas da Guiana. Mas com certeza, são bastante diferentes do que é visto no lavrado roraimense ou nas áreas de selva da Amazônia.

O professor do Departamento de Biologia da Universidade Federal de Roraima, Luís Alberto Pessoa, explica que a mata que cobre o monte Caburá, assim como as áreas altas do Extremo Norte brasileiro, são vestígios de uma antiga floresta presente em um planalto com altitude superior a 2 mil metros, que sofreu efeitos de erosões e movimentos das placas tectônicas, sobrando apenas chapadas e insulbergs, com as serras do Uiramutã e o monte Caburá.

Segundo o especialista da Universidade Federal de Roraima, Armando J. Silva, o solo do Caburá é raso e pobre. A floresta é sustentada pela camada de matéria orgânica que cai e apodrece no chão. "A rocha que forma a montanha está se transformando lentamente em solo fértil", explica.



Soldado do 7º BIS içando a bandeira brasileira no extremo norte,

Documentação

Fonte: *Acritica*

Data: 13/9/98 Pg. C1

Class.: AFR 0185